

# Elementos para uma pneumatologia brasileira

## Uma leitura pós-moltmanniana

Jorge Pinheiro dos Santos

### Resumo

O artigo analisa a pneumatologia e suas implicações para a construção de uma espiritualidade que repouse sobre a multiculturalidade brasileira. A partir de Jürgen Moltmann, vê a espiritualidade brasileira enquanto correlação entre a manifestação do Espírito na existência e as expressões das religiosidades, em especial a católica popular. Nessa releitura de Moltmann, o livre Espírito é visto como princípio que se faz carne e osso na vida das comunidades de fé. Tal leitura permite ver a multiculturalidade brasileira para além de toda a situação, remete à unidade cósmica do Espírito nas comunidades de fé.

### Palavras-chave

Espírito – espiritualidade – comunidade de fé – multiculturalidade – cristianismo – Brasil.

Jorge Pinheiro dos Santos é professor de teologia e História da Faculdade Teológica Batista de São Paulo, pastor auxiliar da Igreja Batista em Perdizes, São Paulo e pós-doutor em Ciências da Religião pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Endereço eletrônico: [jorgepinheiro.sanctus@gmail.com](mailto:jorgepinheiro.sanctus@gmail.com)

# Elements for a Brazilian pneumatology

## A post-Moltmann reading

Jorge Pinheiro dos Santos

### Abstract

This article analyses Pneumatology and its implications for the construction of a spirituality that can be laid upon the Brazilian multiculturalism. Based on Jürgen Moltmann, it sees Brazilian spirituality as a correlation between the manifestation of the Spirit in existence and the expressions of religiosities, more specifically the popular Catholic one. In this re-reading of Moltmann, the free Spirit is seen as a principle that becomes flesh and bones in the lives of the faith communities.

### Keywords

Spirit – spirituality – faith community – multiculturalism, Christianity – Brazil.

Jorge Pinheiro dos Santos is professor for theology and History at the Baptist Theological Faculty, São Paulo, assistant pastor in the Baptist Church in Perdizes, São Paulo and holds a post doctorate in Religious Studies by Mackenzie Presbyterian University. Email: [jorgepinheiro.sanctus@gmail.com](mailto:jorgepinheiro.sanctus@gmail.com)

# Elementos para una pneumatología brasileña

## Una lectura pos-moltmanniana

Jorge Pinheiro dos Santos

### Resumen

El artículo analiza la pneumatología y sus implicaciones para la construcción de una espiritualidad que repose sobre la multiculturalidad brasileña. A partir de Jürgen Moltmann, se ve la espiritualidad brasileña como correlación entre la manifestación del Espíritu en la existencia y las expresiones de las religiosidades, en especial la católica popular. En esa relectura de Moltmann, el libre Espíritu se ve como principio que se hace carne y hueso en la vida de las comunidades de fe. Tal lectura permite ver la multiculturalidad brasileña más allá de toda la situación, remite a la unidad cósmica del Espíritu en las comunidades de fe.

### Palabras clave

Espíritu – espiritualidad – comunidad de fe – multiculturalidad – cristianismo – Brasil.

Jorge Pinheiro dos Santos es profesor de teología e Historia de la Facultad Teológica Bautista de São Paulo, es pastor auxiliar de la Iglesia Bautista en Perdizes, São Paulo e pos-doctor en Ciencias de la Religión por la Universidad Presbiteriana Mackenzie. Correo electrónico: [jorgepinheiro.sanctus@gmail.com](mailto:jorgepinheiro.sanctus@gmail.com)

Quero fazer um convite: vamos seguir um sábio professor, Jürgen Moltmann, num vôo espiritual que para nossa alegria se tornou livro, *O Espírito da Vida*.<sup>1</sup> Ele vai nos ajudar nesse *vol d'oiseau* a pensar a possibilidade de uma pneumatologia brasileira. É uma viagem através do Espírito, como se fosse tapete que sobrevoa a história cristã e mundos desconhecidos. Mas, ao voar com Moltmann no Espírito, queremos ir além, desejamos sobrevoar tempos e terras brasileiras, acrescentando ao pensamento do mestre um pouco dessa riqueza civilizatória que chamamos de multiculturalidade brasileira.

## O quinto Império

Olhe que coisa interessante: o projeto português de expansão e, posteriormente, de colonização das terras brasileiras, nasceu sob o símbolo do Espírito Santo. Os portugueses acreditavam que um novo mundo estava a ser formado, um mundo que seria dirigido pela terceira Pessoa da Trindade, onde não haveria fome, nem presos, e que teria uma criança como rei.

O culto do Espírito Santo em Portugal desenvolveu-se a partir do reinado de D. Dinis (1261-1325) e teria nascido pela fé de sua esposa Isabel de Aragão, a Rainha Santa, por volta de 1323. Ela teria instituído a primeira festa do “Império do Espírito Santo”, que elegia um imperador ou uma imperatriz do Espírito Santo entre as crianças pobres.

A Rainha Santa e seu esposo Dom Diniz conheceram e foram influenciados pela teologia mística de Joaquim de Fiore (1132-1202), abade cisterciense, que fez a defesa do milenarismo e do advento da idade do Espírito Santo. Segundo suas interpretações das Escrituras existiriam três idades na História, no desenvolvimen-

to do mundo e da Igreja, correspondentes às três Pessoas da Trindade.

A primeira idade correspondeu ao governo do Pai e foi representada pelo poder absoluto, inspirador do temor que atravessa o Antigo Testamento. A segunda idade iniciou-se no Novo Testamento, com a fundação da Igreja de Cristo, onde, através do Filho, a sabedoria divina, que tinha permanecido escondida da humanidade, se revelou. A terceira idade haveria de vir e corresponderia ao domínio da terceira Pessoa. Seria o advento do Império do Divino Espírito Santo, um tempo novo onde o amor e a igualdade entre todos os membros do Corpo Místico de Deus seriam alcançados.

No Império do Divino Espírito Santo, as leis evangélicas seriam realizadas não só na sua letra, mas no seu espírito, ou seja, a mensagem que nelas está escondida seria compreendida e aceita pela humanidade. Nessa terceira idade não haveria necessidade de instituições disciplinadoras da fé, já que ela estaria fundamentada na inspiração divina. Seriam dispensadas as estruturas institucionais do poder temporal da Igreja. Qualquer pessoa, sem importar gênero ou posição social, poderia ser imperador/a, pois a sabedoria divina iluminaria a todos. A humanidade seria, também, beneficiada por uma inteligência espiritual que possibilitaria a plena compreensão dos mistérios divinos.

Em sua época, Joaquim de Fiore acreditava que a segunda idade estava no seu fim e que o advento do Império do Espírito Santo estava para acontecer. O Império do Divino Espírito Santo, já às portas da História, seria a apoteose, e duraria até a segunda vinda gloriosa do Cristo.

Duzentos anos depois do reinado de Dom Diniz a teologia do Império do Espírito Santo tinha conquistado os corações e mentes dos portugueses. Assim, dois padres jesuítas, um deles espanhol e o outro português, contam como viajando para a Índia em 1561 na nau “Nossa Se-

<sup>1</sup> MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999.

nhora da Graça”, depois de passadas as ilhas de Martim Vaz, coroaram um imperador do Espírito Santo, aos 25 de maio, dia do Pentecostes, quando se fez uma festa solene,

porque havia Imperador elegido e estava a nau toda de festa, embandeirada e toldada de goderins muito frescos, e com um dossel de tafetá azul onde o imperador tinha a cadeira.<sup>2</sup>

Sabemos que não foi assim, sem fome, sem presos e com uma criança como imperador do Espírito Santo que a colonização se fez. Mas o imaginário cristão de uma terra de fartura, liberdade e justiça, sem dúvida, esteve nos fundamentos do ideal português. A partir daí começou a surgir os principais elementos de uma pneumatologia brasileira, onde as leituras e compreensões do Espírito Santo, de sua ação no universo, nas comunidades e sobre a vida das pessoas, repousaram sobre essa esperança levantada pelos cristãos do século quatorze em Portugal. Aos poucos o culto ao Espírito Santo, símbolo dos ideais de liberdade e fraternidade da doutrina cristã, assumiu caráter de fé do povo brasileiro. E assim deveria ser, pois, segundo o padre Antonio Vieira, no livro de Isaías há um sinal divino dado às “*costas e ilhas distantes e a povos longínquos*” (Isaías 49.1; 66.19). Por isso Vieira dizia:

Digo primeiramente que o texto de Isaías se entende do Brasil, porque o Brasil é a terra que direitoamente está além e da outra banda da Etiópia, como diz o profeta: quae est trans flumina Aethiopiae [Isaías 18.1]. E assim é na geografia destas terras, que em respeito de Jerusalém, considerado o círculo que faz o globo terrestre, o Brasil fica imediatamente detrás da Etiópia.<sup>3</sup>

Esta seria, então, a terra da construção do “Quinto Império”, profetizado por Daniel, e que em breve haveria de se instalar no mundo. Esses elementos culturais e religiosos que permeiam a multiculturalidade brasileira apontavam para uma teologia do Espírito, como presença de Deus no universo, na comunidade e na experiência humana. Tal visão foi utilizada por Vieira quando fez uma hermenêutica do percurso histórico de Portugal à luz dessa revelação providencialista. Colocou a história de Portugal em paralelo com a história do povo de Israel, que a Bíblia apresenta como povo eleito. Então, é o Espírito que/quem convence as comunidades e pessoas de seus alvos, da incondicionalidade da justiça e do juízo que paira sobre a existência. Nesse sentido, as comunidades e cada ser humano são chamados à liberdade pela obra redentora de Cristo. Onde,

a tese da constituição sagrada e da conservação imune da singularidade e liberdade do reino de Portugal interliga-se e justifica-se com outra tese segundo a qual este reino estaria designado para ser um instrumento especial de uma missão, também ela sagrada, em relação a outros povos. Essa missão é iluminadora e fundamentadora de uma visão sacralizante da história de Portugal — a missão teofânica de levar o conhecimento de Cristo aos povos ignorantes da sua doutrina.<sup>4</sup>

Não queremos aqui definir se nossos irmãos portugueses estavam certos ou equivocados na compreensão dessa missão teofânica, mas reafirmar que nas comunidades e pessoas essencializadas pela fé, o Espírito é o centro do querer humano, que produz um novo fazer. Então, o Espírito advoga, em lugar do humano, a partir da justiça imputada pelo Cristo, o justo. O Espírito é atração que vem da incondicionalidade e nos faz cair para cima, mantem-

<sup>2</sup> Carlos Francisco Moura, “Festa a bordo, O Império do Espírito Santo, das naus quinhentistas às canoas do sertão Brasileiro, no século XXI”, In: *As novidades do mundo*. Conhecimento e representação na época moderna, Edições Colibri, Lisboa, 2003, pp. 345-364. Texto da carta de Estêvão Dinis, p. 349.

<sup>3</sup> Antonio Vieira, Livro antepreimeiro da História do futuro, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983, p. 148. Organizador: Van Beesselaar.

<sup>4</sup> José Eduardo Franco, “Duas utopias em confronto: A História de Portugal do Padre Fernando Oliveira e A História do futuro do Padre António Vieira”, Instituto São Tomás de Aquino. Site: Triplov. WEB: [http://triplov.com/ista/cadernos/franco\\_2.html](http://triplov.com/ista/cadernos/franco_2.html)

do-nos fiéis e produzindo na vida humana o amor que arrebatava.

Assim, através do catolicismo popular brasileiro, o culto ao Espírito Santo espalhou-se pelo país. As celebrações mais alegres, sempre de forte expressão comunitária, aconteciam cinquenta dias após a Páscoa, lembrando o dia de Pentecostes, quando o Espírito desceu sobre os apóstolos de Jesus como centelhas. Na Europa, as festas ao Espírito eram realizadas na época das primeiras colheitas, traduzindo a esperança da chegada de uma nova era para o mundo, com liberdade, prosperidade e abundância. Aqui, as festas podem ser encontradas em praticamente todas as regiões do país, apresentando diferentes características, mas guardando em comum a imagem da pomba branca, a coroa, e a distribuição de comida. E foi assim que o Deus tri/uno se revelou ao brasileiro pobre, como voz de presença. É o Espírito de Deus, o Espírito de Cristo, o Espírito Santo, que merece festa e adoração.

Tal compreensão apresentou às brasilidades a fé como produto comunitário, quando, todos juntos, recebemos o sopro do Espírito, que fala as verdades da vida que devemos compreender. Ou seja, o Espírito dissemina a vontade do Deus tri/uno entre as pessoas, dá aos fiéis poder e autoridade para o serviço no cotidiano do reino de Deus, prepara para a ação proclamatória do Verbo e nos coloca sob missão livre e dinâmica, em obediência criativa ao Verbo de Deus. Esse é o direcionamento da mais antiga teologia popular do Espírito no Brasil.

## **A liberdade é cósmica**

O tempo passou e os primeiros missionários da Reforma protestante pisaram em terras brasileiras. Acreditaram que estavam chegando num país sem cristianismo, que desconhecia a mensagem da salvação, ou seja, na prática descartavam

a espiritualidade como fenômeno universal na experiência brasileira e se esqueciam que ela é o Espírito da liberdade cósmica, que traduz a vivacidade da vida. E por não compreender a multiculturalidade brasileira, declararam-na vazia de espiritualidade. Ao começar do zero, longe das raízes das brasilidades, definiram a salvação como fenômeno individual, solitário na pessoa convertida, sem festa e expressão nas comunidades. E assim, ao lado da teologia do Espírito do catolicismo popular, alegre e comunitário, foi sendo construída outra, cheia de consciência e sentido teológico, mas sem coração, vida e emoção brasileiras.

Aprendemos, então, que o Espírito é Pessoa da tri/unidade de Deus. É Pessoa que dá vida nova e consola os que sofrem. Adota e enche de amor. Transmite conhecimento, sabedoria e justiça. Derama arrependimento e graça, dá poder e torna as pessoas prudentes. Vive em nós: pertencemos a Ele. Mas como viver isso em nossas comunidades de fé? Qual é expressão desse Espírito, teologicamente correto, no dia a dia de nossas vidas? Será que vida no Espírito não significa experiência religiosa?

Não há vida humana sem experiência. Vive-se na experiência da vida e essa é uma realidade palpável nas brasilidades. Por que então negar a experiência religiosa no Espírito? Por que esta tentativa de pasteurizar o Espírito? Por que a vida brasileira, para aqueles que chegavam de fora era feia, suja, pobre e sem espiritualidade? Perguntinhas desagradáveis, mas que estão escondidas em nossos corações protestantes. Moltmann nos ajuda na construção de respostas.

Uma pneumatologia brasileira deve tornar-se uma reflexão hermenêutica sobre a afirmação da justificação pela graça, por meio da fé. Essa expressão “por meio da fé” não é somente posicional, mas existencial. E, nesse sentido, falamos da espiritualidade na vida da comunidade de tal

maneira que a justificação se transforma em vida aberta. Dizer que o Espírito é santo é afirmar que não pode ser violado, que sua ação sobre nós e para nós é benéfica, segura e eficaz.

Ora, o Espírito é criador, mas o que significa isso? Poderíamos falar da criação do cosmo e de outros atos criadores do Espírito, mas não podemos nos esquecer que a pneumatologia deve funcionar como uma cristologia eclesial, já que a vida é Espírito e que a comunidade também tem Espírito.<sup>5</sup> A comunidade de fé, assim como as pessoas, são as criações por excelência deste Espírito. E como a comunidade de fé é formada por discípulos do Cristo, seu Espírito está aí presente, criando gente nova e expandindo o reino.

As comunidades cristãs brasileiras, todas elas, são comunidade de Jesus, e é isso que define a Igreja. Quando as comunidades de fé se defrontam com desafios que as fazem pensar sobre o propósito e caráter da Igreja cristã, elas devem refletir sobre suas realidades históricas e culturais a partir do fato e da identidade do Jesus glorificado. Só nesse sentido, podemos entender na prática, de forma viva e comunitária, o permanente ato criador do Espírito na cristologia da Igreja.

É verdade, o Espírito é Pessoa. Mas aqui também somos chamados a dar carne e osso à nossa pneumatologia. A pessoalidade do Espírito pode melhor ser compreendida na materialidade da comunidade de fé, pois cada comunidade de fé possui um só Espírito. Inversamente, a espiritualidade de uma comunidade, ou é o Espírito de Deus, ou um dinamismo ameaçador. Assim todas as comunidades se confrontam com a transcendência, e o Espírito aparecerá como a liberdade da

comunidade contra a perda de sentido.

As comunidades de fé reivindicam seu estabelecimento como cumprimento da pessoalidade do Espírito prometido. Assim a identidade de Deus e do Espírito é clara para as comunidades de fé. E essa pessoalidade do Espírito se dá no chão da materialidade das comunidades de fé, na carne e no osso da Igreja. Por isso, na experiência da comunidade, podemos dizer que o Espírito procede do Pai e do Cristo, que o Cristo é gerado pelo Pai e pelo Espírito, mas, também, que o Pai é fruto do amor do Cristo e do Espírito. Assim, entendemos que na comunidade de fé, de forma existencial para cada um de nós, o Espírito é Pessoa na comunhão de Deus.

É a pessoalidade do Espírito que nos leva à questão da espiritualidade. Quando dizemos espiritualidade, queremos dizer uma vida no Espírito, um intenso convívio com o Espírito: esse é o sentido cristão da palavra. Dessa maneira, a idéia de uma vida forte, a idéia da vitalidade de uma vida criativa a partir de Deus nos remete à espiritualidade, ou seja, a uma vida espiritualizada por Deus. Por isso, podemos dizer: as pessoas procuram a Deus porque o Espírito as atrai para si. Estas são as primeiras experiências do Espírito no ser humano. E o Espírito as atrai como um ímã atrai as limalhas de ferro. O íntimo atrativo do Espírito é experimentado pela pessoa em sua fome de viver e em sua busca de felicidade, que nada no universo pode satisfazer ou saciar.

A espiritualidade da vida se opõe à mística da morte.<sup>6</sup> Quanto mais sensíveis as pessoas se tornam para a felicidade da vida, mais sentem a dor pelos fracassos da vida. Vida no Espírito é vida contra a morte. Não é vida contra o corpo, mas a favor de sua libertação e sua glorificação. Dizer sim à vida significa dizer não à fome e a suas devastações. Dizer sim à

5 MOLTSMANN, Jürgen. *O Espírito da Vida: uma pneumatologia integral*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1999. p. 71.

6 Jürgen Moltmann, op. cit., p. 97.

vida significa dizer não à miséria e a suas humilhações. Não existe uma afirmação verdadeira da vida sem luta contra tudo que nega a vida. Nesse sentido, o Espírito é libertador.<sup>7</sup>

O mundo das pessoas é o cosmo. Aí elas constroem seu habitat. Desta forma, por meio do significado dado pelo ser humano à natureza, de domínio e expansão, dentro de um significado de utilização que lhe empresta, atua sobre ela, produz transformação e cultura, e realiza sua espiritualidade.

A espiritualidade, sendo relação entre significante e significado, é dialética, pois é ela que faz da pessoa e da comunidade ser significante e permite ao ser humano e a sua comunidade transferir ao mundo que o cerca a transcendência, que também utiliza essa mesma significação. Ao fazer significante a realidade que o cerca, o ser humano dá origem às transformações, engendra causas e passa à construção do futuro. Para viabilizar tais transformações, é necessário que a comunidade transfira novos significados aos processos históricos, sociais e mesmo espirituais.

Por isso, podemos dizer, a partir da espiritualidade, que onde há comunidade, há vida e comunicação, e que a comunicação é Espírito, ou então, resistência ao Espírito. Dessa maneira, ou o Espírito é comunicação, ou então subverte a comunicação. A comunicação é a realidade da relação de pessoas, e é pela comunicação que temos um cosmo e nos encontremos nele. Assim, a missão das comunidades de fé é a permanente comunicação no Espírito.

Ora, a ação de libertar está ligada à ação de defender. A vida humana pode ser negada e, por isso, para ser realmente vivida, tem de ser afirmada. Vida negada e recusada é morte. Vida aceita e afirmada é liberdade. É o Espírito quem convence o cosmo do alvo errado, que corrige o cos-

mo injusto e que transforma as pessoas, de escravos e vítimas do erro, em alforriados pela graça. É este Espírito defensor que possibilita o encontro das diferentes experiências de vida, assim como a comunhão da diversidade que Ele próprio cria e administra em cada um de nós. E é Ele quem nos encoraja à esperança. O Espírito da unidade e da diversidade não cessa de atuar entre nós, mesmo quando distantes uns dos outros e aparentemente separados.

Teologicamente, podemos ampliar ainda mais a compreensão do Espírito ao dizer que Ele sopra sobre e através das vidas. Ele é a liberdade da história universal e particular das brasilidades, a espontaneidade da realidade, a beleza da criação cósmica e o criador da vida nova das comunidades de fé. E quando falamos que Ele é a espontaneidade da realidade, estamos dizendo que o Espírito é paradoxal: se apresenta como gênese e *escathon*, fim de uma aliança e princípio de uma nova, fim de uma era e início de uma nova. Quando vem, ninguém se controla, mas ele controla a todos. Ninguém está sem controle, porque ser cheio do Espírito é ser conduzido por sua soberania. Eis o paradoxo de Espírito.

O Espírito é cósmico<sup>8</sup> e livre. Mas qual a relação entre liberdade e cosmo? Seguindo Irineu, podemos dizer que a comunicação de Deus levou à existência, mas pelo Espírito, Ele transforma o existente em cosmo, com sentido, com ordem de adequação e adaptação. E se retornarmos a Hegel, esse Espírito cósmico é a consciência do universo, Espírito vivo. Ou seja, assim como o Espírito deu sentido ao existente, Ele tem como propósito dar sentido à vida humana, por isso é Ele quem vai adiante, abre as portas e prepara o caminho para o sucesso da comunicação.

O mesmo Espírito, além de preparar as diferenças, e o Brasil é um exemplo disso, é quem transforma essas bases para a

<sup>7</sup> Jürgen Moltmann, op. cit., p. 114.

<sup>8</sup> Jürgen Moltmann, op. cit., p. 21.



expansão da comunicação. A visão da expansão da comunicação é uma dádiva do Espírito para as comunidades de fé, mas a unidade na comunidade só é válida na variedade, nunca na uniformidade. A aceitação das pessoas, com suas diferenças e particularidades, e aqui devemos falar de afrobrasileiros, brasilíndios e neobrasileiros, é uma condição indispensável para a saúde da comunidade cristã.

A pneumatologia vivida a partir da multiculturalidade brasileira apresentará a obra do Espírito como realidade comunitária, e esse talvez seja o sentido maior, recuperado pelos irmãos carismáticos e pentecostais no Brasil. Mas, em meio às divergências e separações, às inimizades e choques, prevalece a amplidão do Espírito. Ou seja, Ele cria espaço, põe em movimento, leva da estreiteza para a largura, cria o horizonte e nas nossas vidas amplia o horizonte. Na experiência com o Espírito, Deus não é sentido somente como Pessoa da Trindade, mas também como aquele espaço e tempo de liberdade em que o ser humano pode se desenvolver.

## **A liberdade é brasileira**

Esta é a experiência no Espírito. Quando o Espírito é experimentado como essa amplidão aberta à vida, quando os seres humanos vivem no Espírito, Deus é experimentado como um novo tempo de vida. E, então, o Espírito se torna liberdade em nossas vidas brasileiras.

Nas instituições cristãs, a fé é entendida como uma concordância com a doutrina da igreja ou como uma participação na fé da igreja. Mas a fé que liberta é mais do que isso, é uma fé que envolve pessoalmente. A fé que me faz livre é a fé com a qual concordo, porque eu a vivo, não porque seja forçado por hábito ou tradição. A fé pessoal é o início de uma liberdade que renova a vida e vence no cosmo. Essa fé é uma experiência que não abandona

aqueles que a experimentaram realmente: a liberdade do medo para a confiança, o reviver para uma esperança viva, o amor incondicional à vida.

Para a fé que tem origem no livre Espírito, estar liberto não consiste na compreensão de uma necessidade histórica, nem na autonomia sobre si próprio e sobre a propriedade, mas ser tocado pelo poder de vida do Espírito, significa ser criativo com Deus e no seu Espírito.<sup>9</sup> Crer, por isso, significa ultrapassar os limites da realidade determinada por nosso passado de escravidão, exclusão social e dor, e buscar as possibilidades da vida que não se realizaram. E é essa fé que livra da força do mal, da lei das obras e do poder da morte e leva a uma comunhão com as pessoas e a comunidade. Esse é o chão da liberdade no Espírito.

Aliás, aqui cabe uma história. Um amigo meu, pastor batista brasileiro viu-se numa situação inusitada. Uma senhora, fiel de uma igreja das Assembléias de Deus, da periferia de São Paulo, que tinha um filho dependente químico, fez-lhe um pedido.

— Pastor, o senhor podia orar ao Espírito e pedir que Ele unguisse esse azeite? É que eu vou fazer comida para o meu filho e vou pingar um pouquinho de azeite na comida dele e esse azeite ungido pelo Espírito pode transformar a vida dele e fazer que ele abandone o vício.

É bom lembrar que dias antes, o jovem chegara drogado e num acesso de fúria destruíra tudo dentro de casa. Coisas compradas a prazo, com muita dificuldade, nas Casas Bahia. E o pastor batista brasileiro, entre a cruz e a caldeirinha, aceitou o desafio, colocou a mão sobre a latinha de azeite e orou assim:

— Querido Espírito, o Senhor conhece a fé da sua filha. Responde a essa fé, e que esse ato simbólico se materialize na cura do filho da sua serva. Faça isso por amor a Cristo.

<sup>9</sup> Jürgen Moltmann, op. cit., p. 119.

E assim, sem pensar muito, mas sentindo o sofrimento da mulher, aquele pastor batista brasileiro construiu uma ponte entre as medievais crenças anabatistas do livre Espírito e a pneumatologia popular daquela irmã da periferia de São Paulo.

Pensamos uma pneumatologia brasileira, atravessando as tradições que remontam ao velho Israel e os tempos, latitudes e longitudes da igreja cristã. Mas procuramos acrescentar às nossas leituras a materialidade da vida brasileira, que se fez e se faz presente a partir da tradição comunitária do catolicismo popular, da presença reformada e do avivamento carismático e pentecostal,<sup>10</sup> isto porque todas as crenças e as teologias posteriores a elas nascem no chão da vida dos povos. E é esse brotar do Espírito no chão das culturalidades brasileiras que acrescenta o “pós” na leitura moltmanianna que fizemos e nos leva a dizer que o Espírito é santo e padroeiro da religiosidade cristã no Brasil. E uma pneumatologia brasileira não pode esquecer tal liberdade.

## Referência Bibliográfica

DRIVER, Juan, *Convivencia radical, espiritualidad para el siglo 21*, Buenos Aires, Ediciones Kairós, 2007.

MOLTMANN, Jürgen, *Teologia da Esperança*, São Paulo, Herder, 1979.

\_\_\_\_\_, *Paixão pela vida*, São Paulo, ASTE, 1977.

MOURA, Carlos Francisco, “Festa a bordo, O Império do Espírito Santo, das naus quinhentistas às canoas do sertão brasileiro, no século XXI”, in *As novidades do mundo. Conhecimento e representação na época moderna*, Edições Colibri, Lisboa, 2003.

PINHEIRO, Jorge, *Somos a imagem de Deus, caminhos para o diálogo da teologia com a brasilidade*, São Paulo, Editora Ágape, 2001.

\_\_\_\_\_, *Deus é brasileiro, as brasilidades e o Reino de Deus*, São Paulo, Fonte Editorial, 2008.

TILLICH, Paul, “A vida e o Espírito” in *Teologia sistemática*, parte IV, São Leopoldo, Sinodal, 2005, pp. 475-720.

VIEIRA, Antonio, *Livro anteprimeiro da História do futuro*, Lisboa, Biblioteca Nacional, 1983.

## Bibliografia on-line

FRANCO, José Eduardo, “Duas utopias em confronto: A *História de Portugal* do Padre Fernando Oliveira e A *História do futuro* do Padre António Vieira”, Instituto São Tomás de Aquino. Site: Triplov. [http://triplov.com/ista/cadernos/franco\\_2.html](http://triplov.com/ista/cadernos/franco_2.html)

PINHEIRO, Jorge, “A substância católica e o fator Melquisedeque”. Site: Correlatio. WEB -- <http://www.metodista.br/ppc/correlatio/correlatio10/>

<sup>10</sup> “Graças a Deus, e em parte devido às colaborações dos movimentos da reforma radical – que pensavam que Deus podia continuar a se revelar e que podíamos descobrir novas verdades da sua Santa Palavra – estamos aprendendo a apreciar os diferentes dons e legados presentes em todas as tradições cristãs. Nós, herdeiros da tradição anabatista, também temos elementos importantes a apresentar neste diálogo e, da mesma maneira, a aprender dos outros”. Juan Driver, *Convivencia radical, espiritualidad para el siglo 21*, Buenos Aires, Ediciones Kairós, 2007, pp. 71-72. (Texto traduzido para o português por Jorge Pinheiro).